

Uma tipologia dos falsos diminutivos no português do Brasil

Roana Rodrigues¹, Oto Araújo Vale¹

¹Departamento de Letras – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Caixa Postal 676 – 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil

rroanarodrigues@gmail.com, otovale@gmail.com

Abstract. *This study analyzes the suffix -inho and -inha on nouns, adjectives and adverbs in order to establish a typology of false diminutives in Brazilian Portuguese. Despite being a known phenomenon often mentioned in literature, it never was described in details. In addition to descriptive interest in itself, we intend to conduct a direct application in the creation of resources for Natural Language Processing (NLP).*

Resumo. *O presente trabalho analisa o comportamento morfológico dos sufixos –inho e –inha em substantivos, adjetivos e advérbios com a finalidade de se estabelecer uma tipologia dos falsos diminutivos no português do Brasil. Apesar de ser um fenômeno conhecido e muitas vezes mencionado na literatura, nunca apresentou nenhum estudo minucioso, tampouco, uma descrição de toda a sua amplitude.. Além do interesse descritivo em si, pretende-se realizar uma aplicação direta na constituição de recursos para o Processamento de Linguagem Natural (PLN).*

Uma tipologia dos Falsos diminutivos no Português do Brasil através da análise dos dicionários Aurélio e Houaiss e do Corpus do NILC.

Dentre os poucos estudos sobre os falsos aumentativos e falsos diminutivos no português do Brasil, pode-se citar linguistas como Camara Jr. (1971), Sandman (1992), Laroca (2005), que descreveram os fenômenos morfológicos da língua. Suas análises, em geral, buscam demonstrar a importante diferenciação entre flexão (fenômeno marcado pela obrigatoriedade e sistematização) e derivação, onde se enquadram os morfemas aqui tratados, que é o processo de criação de novas palavras, cuja implantação não é obrigatória e regular.

Desse modo, é comum na língua portuguesa encontrarmos mesmas construções morfêmicas – marcadas pela derivação – com distintos significados. É a partir dessas construções que se pode constatar a existência dos falsos aumentativos e falsos diminutivos. Por isso, o sufixo –ão em *portão* não alude ao aumentativo dos lexemas *porto* ou *porta*, da mesma maneira que –inha em *calcinha* não se refere ao diminutivo de *calça*.

Para a sistematização deste último fenômeno (falsos diminutivos), foi estabelecida inicialmente uma listagem das unidades lexicais terminadas em –inho e –inha dos dicionários Aurélio e Houaiss. Essa listagem consta de 948 verbetes (479 terminados em –inho e 469 terminados em –inha) de ambos os dicionários. Em um segundo momento, foram analisadas as ocorrências dos lexemas terminados em –inho e –inha no corpus do NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) a fim de observar como tais morfemas se apresentam em uso, totalizando 1392 entradas (693 terminadas em –inho, -inhos e 699 terminadas em –inha, -inhas).

Tabela 1. Tabela de classificação das formas terminadas em –inho e -inha nos dicionários Aurélio e Houaiss.

Aurélio	Houaiss	Forma Diminutiva	Forma original	Orig	Dim	Fdm	Sinônimo	Planta	Ave	Peixe	Aguardente	Classe	Intensidade	Juventude	Pejorativo
+	+	adivinha	adivinha	+	-	+	-	-	-	-	-	N	-	-	-
+	+	amarelinha	amarela	-	-	+	-	+	-	-	+	N	-	-	-
-	+	devagarinho	devagar	-	+	-	-	-	-	-	-	Adv	+	-	-
+	+	mocinha	moça	-	+	+	-	-	-	+	-	N	-	+	-
+	+	povinho	povo	-	-	+	-	-	-	-	-	N	+	-	+
+	+	xadrezinho	xadrez	-	+	+	+	-	-	-	-	N, Adj	-	-	-

A partir da listagem obtida na análise dos dicionários, buscou-se realizar uma classificação que levasse em conta as principais características anotadas, a saber: “forma diminutiva”, “forma original”, “falso diminutivo” e “sinônimo”. Além disso, devido à observação da significativa quantidade de ocorrências, foram listadas as unidades lexicais que se referem a espécies de plantas, aves, peixes e sinonímia de aguardente presentes nesses dicionários.

O que se pôde notar é que as unidades lexicais de forma diminutiva, além de se referirem a algo de tamanho reduzido, pequeno, podem denotar intensidade (por exemplo: fino x fininho: muito fino), juventude (por exemplo: mocinha: jovem moça) e afetividade (exemplo: amorzinho (demonstração carinho), povinho (sentido pejorativo)).

Através da página online da Linguatca (centro de recursos para o processamento computacional da língua portuguesa), foi possível ter acesso ao corpus do NILC, que contém textos jornalísticos, didáticos, redações escolares, entre outros. Com a utilização deste corpus, que consta mais de 80 mil ocorrências dos morfemas em pauta (-inho, -inha, -inhos, -inhas), foi possível realizar uma segunda sistematização, cuja ênfase recai sobre o uso destas formas.

Tabela 2. Tabela de classificação das formas terminadas em -inho e -inha no Corpus do NILC.

Forma Dim.	Forma Orig.	Orig.	Dim.	EDim.	Sin.	Classe	Exemplo	Exemplo	Exemplo	Intensidade	Juventude	Afetividade
amarelinha	amarela	-	-	+	-	N	A CVC, também conhecida por amarelinha , é apontada como a mais séria doença dos laranjais.	Há jogadores que tremem com a ' amarelinha '.	a ingenuidade de uma criança pulando amarelinha .	-	-	-
devagarinho	devagar	-	+	-	-	Adv.	Vou devagarinho , como der, mas vou, garantiu.			+	-	-
cestinha	cesta	-	+	+	-	N	No jogo, foi o cestinha , fazendo 29 dos 127 pontos do time do Leste.	acomodaram as cestinhas e embrulhos.		-	-	-
paradinha	parada	-	+	+	-	N	não dispensa aquela paradinha na rodovia dos Tamoios.	Romário deu a famosa paradinha antes de marcar o gol.		-	-	-
mocinho	moço	-	+	+	-	N	Enxugue os olhos, que é feito um mocinho da sua idade andar chorando na rua.	No meu tempo de criança, o mocinho é quem corria atrás do bandido.		-	+	-

Ainda que em uso os sufixos -inho e -inha sejam empregados, na maioria dos casos, com o intuito de transmitir um sentido específico (intensidade, juventude e/ou afetividade) em um dado contexto, observou-se, nas entradas listadas, que 192 (-inho) e 254 (-inha) registros se referem a falsos diminutivos; um número bastante elevado.

Algumas definições apresentadas nos dicionários (Aurélio e Houaiss) possibilitaram a classificação de falsos diminutivos por serem sinônimos de suas “formas originais”. No corpus do NILC, no entanto, o número dessas entradas teve uma significativa redução, pois, em uso, raramente o emprego de tais sufixos derivacionais tem o mesmo sentido de suas “formas originais”. Geralmente eles são empregados quando se quer transmitir alguma avaliação, julgamento, polidez, valor, desprezo, entre outros.

Tal fato exemplifica o afirmado Alves (2006) de que “o Ato do Discurso se realiza não só nas unidades linguísticas tais como texto, episódio e oração, mas também no nível da palavra”, já que o emprego dos sufixos em pauta “ressignifica” e intenciona, na grande maioria das vezes, toda uma oração.

Pode-se afirmar, portanto, que os resultados obtidos foram satisfatórios, pois as listas geradas conseguiram aprofundar o problema dos falsos diminutivos no português do Brasil, evidenciando a amplitude de tal fenômeno e seu uso recorrente e nas mais diversas situações.

Com base nos resultados das listagens, está sendo elaborada uma tipologia das formas de falsos diminutivos. Nessa tipologia, busca-se comparar essas formas às aquelas formas existentes nos dicionários eletrônicos que compõem o software Unitex (PAUMIER, 2002; MUNIZ, 2004). Assim, procura-se contribuir para enriquecer os dicionários eletrônicos desse software, permitindo um maior refinamento nas buscas, evitando ambiguidades desnecessárias. Além dessa aplicação específica, o resultado da pesquisa também poderá vir a ser utilizado por pesquisadores – colaborando com a descrição de outros fenômenos da língua em níveis superiores, como a sintaxe e o discurso.

Fica a ressalva e a indicação de que estudos dos falsos aumentativos se fazem igualmente necessários e é a proposta de tema a ser desenvolvido em um trabalho futuro.

Referências

- ALVES, E. O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia. In.: Revista GEL: Estudos linguísticos XXXV. Campinas: 2006.
- BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1970.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. DELTA, São Paulo, v. 26, n. 1, 2010
- CAMARA Jr., J. M. Problemas de linguística descritiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- CAMARA Jr., J. M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CAMARA Jr., J. M. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FERREIRA, A. Novo dicionário Aurélio da língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Positivo, 2009.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.
- LAROCA, M. N. C. Manual da morfologia do português. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- MUNIZ, M. 2004. A construção de recursos linguístico-computacionais para o português do Brasil: o projeto de Unitex-PB. Dissertação (Mestrado) USP - São Carlos, 2004.
- PARDO, T.A.S.; RINO, L.H.M.; NUNES, M.G.V. Documentação e Atualização do ReGra. Relatórios Técnicos do ICMC-USP, 109 (NILC-TR-00-3) Março 2000.
- PAUMIER, S. Unitex Manual. Université Marne-la-Vallée, 2002.
- SANDMAN, A. J. 1992. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto.